



VOZ DA FÁTIMA

Tempo de graça e misericórdia: dar graças por viver em Deus

EDITORIAL

O pedido mais vezes repetido por Nossa Senhora

Outubro é, na piedade do povo cristão, o “mês do rosário”. Mais do que recordar os antecedentes históricos que estão na origem desta prática, gostaria de sublinhar quanto a mensagem de Fátima contribuiu para a vivência deste mês e para a divulgação da oração diária do terço.

Pe. Carlos Cabecinhas

Na primeira aparição, em maio, Nossa Senhora tinha prometido que, depois, diria quem era e, na última aparição, em outubro, cumpre o que prometera, apresentando-se como a “Senhora do Rosário”, mostrando-se revestida de luz e espargindo a luz de Deus. Nesta última aparição, na Cova da Iria, ela repete o pedido feito desde a primeira aparição: “Quero que que contínuem sempre a rezar o terço todos os dias”. Este é o pedido mais vezes repetido por Nossa Senhora: rezar o terço todos os dias!

Nunca é demais destacar a importância da oração do terço, com os seus mistérios gozosos, luminosos, dolorosos e gloriosos da nossa salvação. Esta é uma forma de oração contemplativa, que nos convida a ler e meditar a Palavra de Deus, em cada mistério. Por este motivo, foi, ao longo dos séculos, reiteradamente recomendado pela Igreja e apreciado pelos cristãos. Este mês de outubro pode ser uma ótima oportunidade para reler a Carta Apostólica sobre “o Rosário da Virgem Maria” (2002) do Papa S. João Paulo II. Aí se apresenta o rosário como oração evangélica, síntese ou compêndio do Evangelho (n. 18).

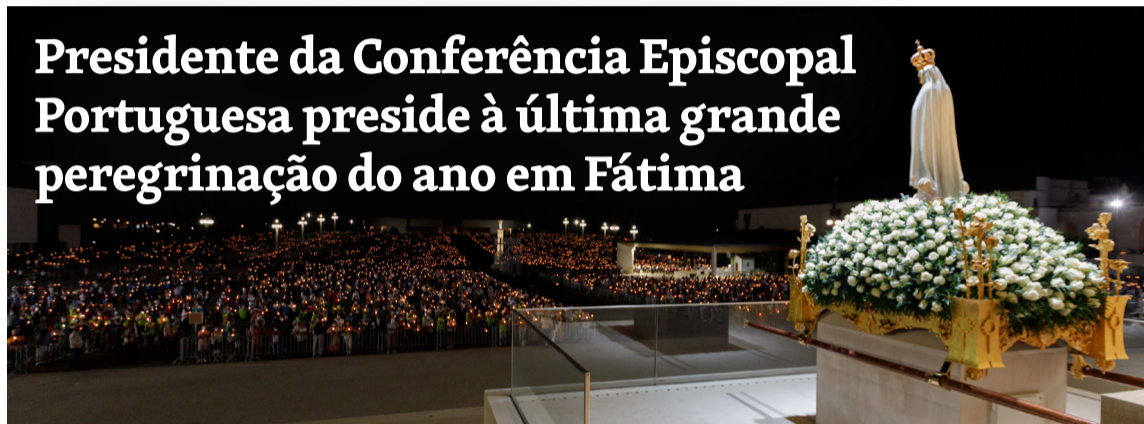
O rosário é uma oração cristológica, que nos leva a meditar os mistérios da vida de Cristo, vistos pelos olhos de Maria, como afirmou o Papa Bento XVI, na Capelinha das Aparições, em 2010: a oração do rosário – disse o Papa – “permite-nos fixar o nosso olhar e o nosso coração em Jesus, como sua Mãe, modelo insuperável da contemplação do Filho. Ao meditar os mistérios ao longo das Ave-Marias, contemplamos todo o mistério de Jesus; contemplamos a participação íntima de Maria neste mistério e a nossa vida em Cristo hoje”. Porque é oração cristológica, é também oração mariana: é caminho de santidade pela configuração com Cristo, seguindo o exemplo de Maria.

Esta é uma oração eclesial, que nos congrega como Igreja em oração, que nos faz sentir unidos na comunhão dos santos, mesmo quando rezamos individualmente. É oração eclesial que podemos rezar onde quer que nos encontremos e independentemente das línguas. Permite-nos fazer a experiência de universalidade da Igreja, como experimentamos em Fátima, em cada dia.

O rosário surge-nos, em Fátima como caminho para a paz. Logo na primeira aparição, em maio de 1917, Nossa Senhora diz aos videntes: “Rezem o terço todos os dias, para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra”. O terço é, por excelência, a oração da paz!

A aparição de outubro, em que Nossa Senhora se apresentou como a “Senhora do Rosário” e nos exortou a rezar o terço todos os dias, vem recordar-nos a necessidade da oração confiante em todos os momentos, mas sobretudo nestes tempos difíceis de pandemia. Acolhamos o apelo da Mãe de Jesus e nossa Mãe.

Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa preside à última grande peregrinação do ano em Fátima



Num ano de pandemia a Cova da Iria adaptou-se à nova realidade, fazendo da saúde e da segurança a principal regra do acolhimento. Maio foi celebrado pela primeira vez, em cem anos, sem a presença de peregrinos; outubro está condicionado pelo acesso limitado ao Recinto de Oração.

Carmo Rodeia

Desde que foi decretado o confinamento, com a realização de celebrações sem a presença física de peregrinos, no passado dia 13 de março, o Recinto da Cova da Iria nunca mais conseguiu retomar nem o fluxo nem a diversidade de peregrinos que constituem uma das principais marcas do seu ADN. Sobretudo, durante as grandes celebrações de verão, entre maio e outubro, quando se evocam as aparições de Nossa Senhora aos três pastorinhos.

Outubro, mês em que se assinala a sexta e última dessas aparições, e se evoca o Milagre do Sol, mais um dos elementos que sustentam o binómio Fátima-Papa, não vai ser diferente. Depois da Peregrinação Internacional Aniversária de maio ter sido a primeira, desde maio de 1917, a ser celebrada sem a presença física de peregrinos, os dias 12 e 13 de outubro serão vividos com constrangimentos resultantes das medidas de contingência adotadas pelo Santuário de Fátima para prevenir a disseminação do vírus Covid-19.

É reforçada a sinalética, com informações mais específicas para esta peregrinação. Será indicada a necessidade de uso de máscara durante as celebrações, mesmo no espaço aberto do Recinto de Oração. É feita uma delimitação de alguns espaços de maneira a criar perímetros de segurança e a vedar o acesso a locais suscetíveis de aglomerações. Para que haja uma uniforme disposição da assembleia no recinto, são criadas, com marcações no solo, áreas circulares de ocupação, devidamente distanciadas. De acordo com os planos efetuados, estima-se

uma presença de cerca de 6.000 pessoas no recinto, numa área útil de 48 000m², o que equivale a uma média de 8m² por pessoa.

O acesso ao Recinto de Oração é feito por oito entradas, com diversos meios de controlo. As deslocações no recinto só podem ser feitas nos corredores assinalados. Todos os movimentos são constantemente monitorizados através dos meios de videovigilância, de modo a permitir em tempo real, decisões que sejam necessárias para controlo de situações de potencial risco.

As entradas far-se-ão por ordem de chegada dos peregrinos, que serão conduzidos por acolhedores para as áreas de ocupação de acordo com os critérios estabelecidos e aí deverão permanecer até saírem do Recinto de Oração. Todas estas medidas são implementadas no absoluto respeito pelo direito que os peregrinos têm de celebrar a sua fé em segurança.

A peregrinação de outubro é presidida pelo Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, D. José Ornelas, bispo da diocese de Setúbal. O prelado sadino substituiu o arcebispo do Panamá, D. Domingos Ulloa, que devido à pandemia não tem condições para se deslocar à Cova da Iria. O arcebispo panamiano é um devoto de Fátima e foi o principal responsável pela deslocação da Imagem nº 1 da Virgem Peregrina de Fátima à Jornada Mundial da Juventude em 2019. Por outro lado, D. José Ornelas deveria ter presidido à Peregrinação das Crianças, em Junho.

D. José Ornelas é natural do Funchal; bispo desde agosto de 2015 foi

o superior-geral da Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus. Especializou-se em Ciências Bíblicas, em Roma e Jerusalém, concluindo com a Licenciatura Canónica no Pontifício Instituto Bíblico de Roma. É doutor em Teologia Bíblica, grau académico obtido na Universidade Católica Portuguesa.

Do programa desta peregrinação destaque para o dia 12 com a Procissão das Velas, depois das 22h00, que terá transmissão pela RTP, TVI e Canção Nova, para além do canal Youtube do Santuário e da página do facebook. Antes, será recitado o terço e haverá ainda uma celebração da palavra. No dia 13, o programa começa com a recitação do Rosário às 09H00, seguindo-se a Missa internacional às 10H00, com transmissão em direto nos canais referidos. A peregrinação terminará com a Procissão do Adeus e a consagração a Nossa Senhora já na Capelinha das Aparições.

Esta peregrinação, que habitualmente contaria com uma larga participação de peregrinos, assinala a sexta aparição, na qual Nossa Senhora deixa um caderno de encargos aos Videntes. À pergunta de Lúcia: “Que é que Vossemecê me quer?” a Senhora mais brilhante que o Sol responde: “– Quero dizer-te que façam aqui uma capela em Minha honra, que sou a Senhora do Rosário, que contínuem sempre a rezar o Terço todos os dias. A guerra vai acabar [ainda hoje] e os militares voltarão em breve para as suas casas.”

As principais celebrações terão interpretação em Língua Gestual Portuguesa, seja no Recinto seja nas transmissões nas redes sociais.

As dores e as expetativas de um cresci

O Santuário de Fátima, como concretização do pedido de Nossa Senhora aos videntes, para que se fizesse uma capela em Sua honra no lugar das Aparições, é, em grande parte, resultado de um dinamismo alimentado pela devoção mariana que ali foi crescendo. Desde a construção da Capelinha das Aparições, pelas mãos dos fiéis peregrinos, há mais de um século, à criação dos restantes lugares de memória, culto e oração, a edificação deste, que é um dos mais visitados santuários do mundo, é uma obra viva, com uma história que também pode ser contada nas estórias das pessoas que acolhem diariamente os peregrinos, e que abraçam, dia após dia, a missão primordial do Santuário de Fátima.

Carmo Rodeia e Diogo Carvalho Alves

Faltam menos de dois anos para Georgina Pires completar meio século de serviço no Santuário de Fátima. Veio para cá aos 15, como empregada interna, para a receção, a mesma função que ainda hoje cumpre, no acolhimento de quem chega ao edifício da Reitoria e de quem contacta o Santuário pelo telefone. O trabalho, até meio da tarde, dava-lhe a oportunidade de continuar a estudar, à noite, num dos colégios de Fátima.

“Era tudo mais cansativo do que agora! Havia poucas extensões e tínhamos de andar a correr atrás das pessoas, mas as pessoas também telefonavam menos, porque o telefone era pouco comum. Lembro-me que havia apenas cinco capelães, já velhinhos, umas quantas religiosas e nós, as empregadas internas... As externas eram poucas e os peregrinos eram muito menos que agora”, conta, ao lembrar uma realidade distinta da atual.

“A vinda dos Papas trazia sempre muito assunto e trabalho... Nessas alturas, sentia-se um aumento muito grande no número de peregrinos, que, nos anos seguintes, decrescia.”

“A época em que entrei era muito pobrezinha... Os peregrinos chegavam aqui com fome, desidratados e desmaiavam imenso. Nas grandes peregrinações, vinham muitos servitas e voluntários para ajudar, que, passados estes dias, iam embora. À exceção de maio e outubro, não havia multidões. No inverno, então, havia muito pouca gente. Não havia autoestrada como há hoje.”

O progresso que veio com a vinda dos Papas

Georgina chegou em 1972, cinco anos depois das celebrações do cinquentenário das Aparições. A efeméride, que trouxera a Fátima o Papa Paulo VI, deu o novo impulso à dinâmica do



Georgina Pires é a voz mais ouvida do outro lado da linha, por quem contacta o Santuário de Fátima.

Santuário e embelezara a receção da Reitoria, que então se situava na atual Casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores. À exceção da primeira, Georgina esteve nas restantes visitas papais e testemunhou o crescimento que delas resultou.

“A vinda dos Papas trazia sempre muito assunto e trabalho, junto da administração, com muitas obras e movimento de engenheiros, arquitetos e técnicos. Nessas alturas, sentia-se um aumento muito grande no número de peregrinos, que, nos anos seguintes, decrescia. Para

mim, não é surpresa ver menos pessoas no Recinto que no ano do Centenário... Este tem sido sempre o ambiente: vem um Papa ou uma data redonda e há muita gente, depois estabiliza, abranda... É normal. Os mais novos é que se podem surpreender!”

Das grandes construções do Santuário, Georgina viveu de

“Os problemas de hoje verificaram-se ao longo do tempo. Lembro-me que houve muita oposição à construção do alpendre da Capelinha, porque havia pessoas que achavam que os peregrinos deviam sofrer com a estrutura antiga que existia. Havia quem ligasse ao reitor para pressioná-lo no sentido de não avançar com a obra. Com o projeto da Basílica da Santíssima Trindade não foi diferente... Poucos se lembram, mas foi uma obra envolta em muita polémica, pelo custo, pela dimensão e pelas opções. Houve até um senhor que foi proibido de ligar para o Santuário.”

Uma oportunidade para melhor acolher

Avaliando o progresso a que assistiu no Santuário, Georgina não hesita em afirmar que todos estes anos trouxeram “muito melhores condições” para o acolhimento dos peregrinos, na oferta de um maior número de serviços e em espaços mais confortáveis. É também o conforto que procura oferecer quando acolhe os peregrinos que têm nela o primeiro contacto com o Santuário, e este tempo de pandemia tem sido uma boa oportunidade para receber ainda melhor o peregrino de Fátima. Nestes tempos difíceis, a atenção tem sido também recíproca, refere Georgina, com os peregrinos a ligarem, preocupados com as notícias sobre a quebras sem precedentes no número de peregrinações organizadas.

“O 13 de Maio sem peregrinos foi estranho, mas foi a forma de participarmos no esforço nacional. Agora, sinto que as pessoas estão desejosas que tudo isto volte ao normal. No atendimento que faço ao telefone, procuro sempre sossegar as pessoas que sinto preocupadas. Não sou pessimista e a minha conversa é sempre de ânimo.”

perto três: o Centro Pastoral de Paulo VI e o alpendre da Capelinha das Aparições, inaugurados em 1982, e a Basílica da Santíssima Trindade, que abriu as portas

“Os problemas de hoje verificaram-se ao longo do tempo...”

em 2007. Ao lembrar esses tempos, assegura que a contestação face ao progresso foi uma realidade sempre presente, tal como hoje.

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
Isento de registo na E.R.C. ao abrigo do decreto regulamentar
8/99 de 09 de junho – alínea a) do n.º 1 do Artigo 12.º

Redação e Administração

Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600 – Fax 249 539 605
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: comunicacao@fatima.pt
www.fatima.pt

Composição e Impressão

Empresa do Diário do Minho, Lda.
Rua de Santa Margarida, 4A | 4710-306 Braga

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL

*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima
(Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF

mento adaptado ao curso da história



Entre as flores e os paramentos, que os sacerdotes vestem nas celebrações, Otilia Vieira só pensa em servir Nossa Senhora

Não perder o essencial de vista

Otilia Vieira está no Santuário há 44 anos, a limpar e a alindar os espaços celebrativos e no serviço da paramentaria. Integra uma equipa de oito pessoas, que também é responsável por enfeitar diariamente o andor que transporta a Imagem de Nossa Senhora, durante a procissão das velas.

“Quando vim, quem enfeitava o andor e preparava os espaços litúrgicos eram as irmãs da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima. Sempre gostei de flores e uma delas, a irmã Alexandrina, percebeu isso.

Estive um período à experiência e por aqui fiquei”, conta, ao enumerar as diferenças entre aquele tempo e o presente.

“Hoje, temos mais contacto com os peregrinos, que até nos vêm dar os parabéns pelo nosso trabalho.”

“Antes, enfeitávamos apenas a Capelinha e a Basílica de Nossa Senhora do Rosário. Os peregrinos ofereciam mais flores, que

serviam para os arranjos, só sendo preciso comprar flores para o andor. Hoje, já não oferecem tanto e os espaços também são mais. Éramos menos pessoas a trabalhar aqui, por isso, havia mais proximidade. Em contrapartida, hoje temos mais contacto com os peregrinos, que até nos vêm dar os parabéns pelo nosso trabalho.”

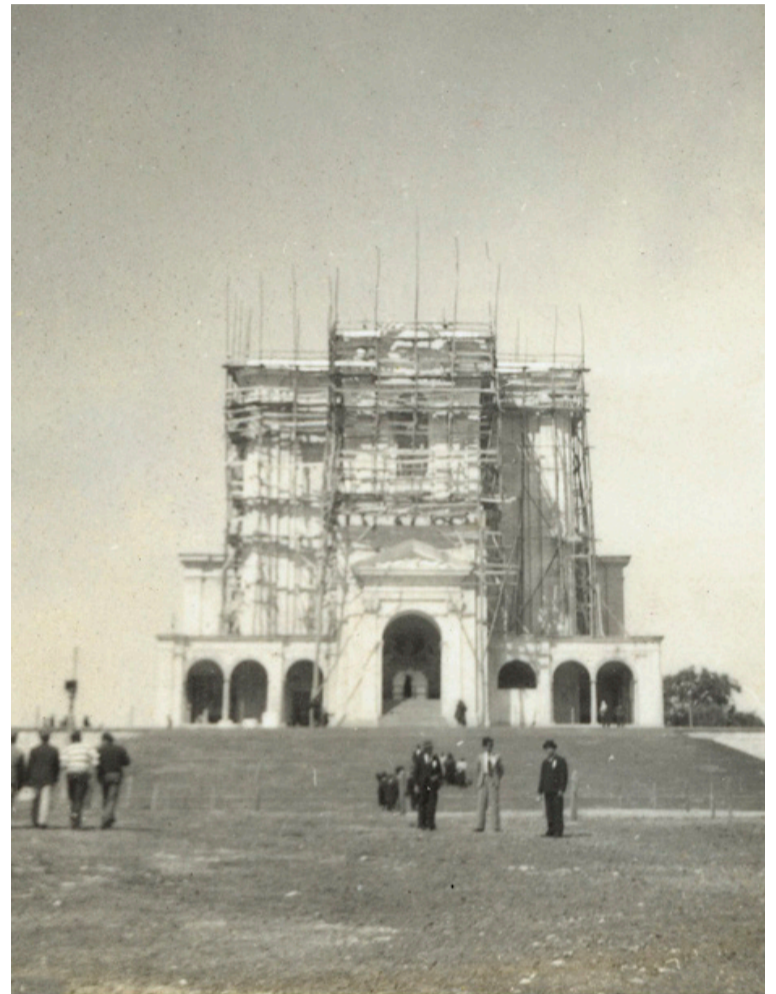
“Nunca senti que o que faço era para mim... Somos servidores de Nossa Senhora e não podemos perder isso de vista.”

Os espaços onde trabalha habitam a história da vida de Otilia, que casou na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, e ali pôde estar com a Irmã Lúcia, numa das visitas do Papa João Paulo II. Pelo tempo que trabalha na Cova da Iria e pela ligação que criou, olha para o Santuário como “uma segunda casa”.

“Nunca senti que o que faço era para mim. Pensamos na Nossa Senhora e Ela ajuda-nos muito a focarmo-nos no que é essencial. Somos servidores. Ela e não podemos perder isso de vista. Já vivi muito aqui e gostava de poder viver mais uma canonização”, diz, num olhar sobre os dias que ainda espera por aqui servir.

O futuro do Santuário projeta-se nas vivências de quem o conhece por dentro. Mais de cem anos depois do início da construção da Capelinha, que é o coração do Santuário de Fátima, o pulsar da vida deste lugar continua intrinsecamente ligado ao acolhimento, num desejo constante de melhorar os espaços e o serviço diligente daqueles que aqui abraçam essa missão.

A dinâmica que ajuda a construir um Santuário mais acolhedor, a cada dia está assente nos mesmos alicerces da iniciativa pioneira dos fiéis peregrinos de há um século... É ela que define a identidade deste espaço e que realiza diariamente o pedido que aqui foi feito pela Mãe do Deus: “façam aqui uma capela em minha honra, que sou a Senhora do Rosário”.



SANTUÁRIO DE FÁTIMA Uma obra viva

No final do ano passado, 339 pessoas colaboravam nos dez departamentos que compõem a estrutura orgânica do Santuário de Fátima: Reitoria, Acolhimento aos Peregrinos; Liturgia; Pastoral da Mensagem de Fátima; Ação Caritativa; Estudos; Hospedagem; Museu; Vigilância e Gestão Operacional; Construções e Manutenção e Departamento Económico e Financeiro.

O Departamento de Hospedagem é o que mais colaboradores tem, seguido pela Vigilância e Gestão Operacional e as Construções e Manutenção. Estas três áreas congregam cerca de 60% dos colaboradores do Santuário.

Depois da construção da Basílica da Santíssima Trindade, e assumindo o repto que o Papa Bento XVI lançou, em 2010, para a preparação do Centenário das Aparições, o Santuário fez crescer os espaços e os serviços para um melhor acolhimento do aumento expectável de peregrinos. A aposta na pastoral da cultura, pelo relevo do património edificado e artístico de Fátima, e a valorização da música no contexto celebrativo foram algumas das linhas de destaque da oferta do Santuário.

Este crescimento foi sempre feito com os olhos postos na pastoral da fragilidade, mantendo e até, em muitos anos, reforçando os retiros propostos. Nesta linha de ação, a criação de um departamento dedicado à Pastoral da mensagem de Fátima, após o Centenário, resultou no incremento de novos espaços para a difusão e interpretação da Mensagem que Nossa Senhora deixou aos Pastorinhos, na Cova da Iria. A Escola do Santuário é disso exemplo, pelas diversas dinâmicas pastorais centradas na mensagem de Fátima, nomeadamente ao nível da espiritualidade e acolhimento intergeracional, que tem vindo a dinamizar.

No cumprimento da sua Missão, assumindo o voluntariado como um contributo essencial, o Santuário de Fátima tem vindo a reforçar as possibilidades de colaboração voluntária na Cova da Iria, implicando cada vez mais jovens no acolhimento e no apoio à deficiência.

“Fátima antes de ser um lugar é uma forma de estar na vida e na fé”



O teólogo, que durante o tempo do centenário foi colaborador do Santuário, encontra-se atualmente na Universidade de Lovaina e é o convidado do Podcast #fatimanoseculoXXI. Acaba de lançar o livro “O espanto de Deus. Para uma espiritualidade de Fátima”. Durante a conversa fala do Santuário como “o lugar da presença de Deus” e de Fátima como “um sinal de luz nestes tempos cinzentos de pandemia”.

Carmo Rodeia

A pandemia que vivemos, e que nos mostrou “a nossa fragilidade”, tornou mais evidente “que Deus está presente na vida quotidiana”, afirma Pedro Valinho Gomes, teólogo, no Podcast #fatimanoseculoXXI, disponível em www.fatima.pt/podcast.

“Fátima é uma raio de Luz, a presença do símbolo da luz é muito forte na narrativa de Fátima. E, Fátima, porque nos faz voltar à narrativa do Evangelho, pode ajudar-nos a afastar o medo, na certeza de que Deus está presente nos momentos mais inquietantes da humanidade” afirma sublinhando que “este tempo que passamos há de ser um deles: com um olhar de Fátima, o que Fátima nos diz é que Deus está presente e nós devemos de estar uns para os outros”, afirma o teólogo que acaba de lançar o livro “O espanto de Deus. Para uma espiritualidade de Fátima”.

“Os santuários, por essência e missão, são lugares de erupção da presença de Deus. Qualquer santuário diz que Deus está presente; num momento de pandemia e de alarme, se há algo que o santuário (e o de Fátima em particular) pode dar é esta ideia de que se podem ver sinais da presença de Deus na vida quotidiana” acrescenta.

“Quando o espanto de Deus nos toca, encontramos-nos com Ele, somos interpelados por um Outro que está diante e além de nós. É Deus que nos sustém” afirma.

“Fátima é uma forma de se comprometer com o outro porque estamos enamorados de Deus”, conclui Pedro Valinho Gomes

“A fé muda-nos a vida. O espanto de Deus é isto: Deus espanta-se connosco e nós espantamo-nos com o seu espanto e se não há este encontro não há nada. A fé é uma espécie de namoro com que Deus nos abençoa”, reafirma.

“Fátima é uma forma de se comprometer com o outro porque estamos enamorados de Deus”, frisa Pedro Valinho Gomes.

“Durante muito tempo olhamos para o ser humano como uma espécie de herói que se salva a si mesmo, ora Fátima lembra-nos que a nossa vida é contingente: nós estamos permanentemente a afastar-nos das marcas da nossa fragilidade mas a vida encarrega-se de no-las devolver e, neste momento de pandemia, isso é muito evidente. Preencher o nosso olhar com Esse que está para além da nossa fragilidade mas que a toca, que se quer fazer presente... Creio que é a isso que nos convida Fátima”.

“O sacrifício que a Jacinta fazia para salvar o outro é a melhor forma de dizer Fátima: eu não me salvo sozinho e além de mim há de haver um outro que será salvo comigo. O outro é sempre uma presença muito forte em Fátima” acrescenta.

O teólogo apresenta a oração de intercessão, tão comum em Fátima,

para sublinhar a importância do lugar do outro na Mensagem de Fátima.

“Se eu rezo pelo outro estou a implicar-me nele. Foi o que fizeram os pastorinhos. Hoje nós podemos entender esta questão a partir da sua própria vida”, esclarece.

Questionado sobre se a experiência de Fátima é a mesma neste tempo de pandemia, quando a maioria dos peregrinos não pode deslocar-se à Cova da Iria, Pedro Valinho Gomes fala da dimensão do peregrino pelo coração.

“O peregrino de Fátima é muito consciente disto; é aquele que vem ao encontro do colo de Deus e, por isso, Fátima é também este agregar de gente que se compromete com o outro” reitera destacando, contudo, que isto não se faz apenas peregrinando até ao lugar físico.

“Fátima é uma experiência de encontro com Deus independentemente do lugar onde estamos”, afirma lembrando o exemplo da peregrinação de maio, sem peregrinos presentes. O isolamento a que fomos chamados durante a pandemia para nos protegermos ou a ausência de peregrinos em Fátima em maio são, para o teólogo, uma metáfora da comunhão entre crentes que experimentaram o verdadeiro encontro com Deus.

O Podcast #fatimanoseculoXXI está disponível em www.fatima.pt/podcast e também no Itunes e Spotify.

#FÁTIMA NO SÉCULO XXI

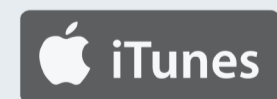
Pedro Valinho

Entrevista disponível em www.fatima.pt/podcast

“O sacrifício que a Jacinta fazia para salvar o outro é a melhor forma de dizer Fátima: eu não me salvo sozinho e além de mim há de haver um outro que será salvo comigo. O outro é sempre uma presença muito forte em Fátima.”

“O peregrino de Fátima é aquele que vem ao encontro do colo de Deus e, por isso, Fátima é também este agregar de gente que se compromete com o outro”

Também disponível em:



PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

São João Paulo II (Papa) (1920-2005)



A ligação de Fátima e da sua Mensagem com os Papas é incontornável. A partir das celebrações do meio século das Aparições, à exceção do breve pontificado de João Paulo I, nenhum outro passou sem que o “Bispo vestido de branco” se fizesse presente na Cova da Iria. O Papa João Paulo II veio por três vezes, uma das quais agradecer a própria vida.

Diogo Carvalho Alves

Exactamente 64 anos após a primeira Aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos, na Cova da Iria, um outro 13 de maio ficava marcado na história de Fátima quando, em Roma, ao entrar na Praça de São Pedro para a habitual audiência, o Papa João Paulo II era baleado, num atentado, ficando gravemente ferido.

No ano seguinte, em 1982, convicto de que teria sobrevivido graças à intercessão de Nossa Senhora, fez-se peregrino de Fátima, para agradecer a vida à Mãe de Deus.

“Eu devo a minha vida a nossa Senhora de Fátima”, disse, com uma certeza que materializou

na oferta simbólica ao Santuário de Fátima da bala que o atingira em Roma e que foi incrustada na coroa da Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

É o Papa João Paulo II quem decreta a heroicidade das virtudes de Francisco e da sua irmã Jacinta, que os faz veneráveis, abrindo o caminho para o reconhecimento da santidade dos dois Videntes.

“O Santuário de Fátima é um lugar privilegiado, dotado de um grande valor especial: contém em si uma mensagem importante para a época que estamos a viver”, disse, na homilia do dia 13 de maio de 1991, durante a sua

2ª visita à Cova da Iria (foto).

A última presença no Santuário deste protagonista de Fátima aconteceu no ano 2000, para a beatificação dos Pastorinhos, que apelidou de “duas candeias que Deus acendeu para iluminar a humanidade nas suas horas sombrias e inquietas”.

Se é certo que as viagens papais foram decisivas para a crescente visibilidade e internacionalização de Fátima, as três de João Paulo II em particular, bem como todo o seu pontificado, foram cruciais para o aprofundamento e estudo da Mensagem e do acontecimento que lhe deu origem.

A PEÇA DO MÊS



MSF, inv. n.º 4053-OUR.II.2464

Autor desconhecido (M. N., cruz), 1968

Ouro fundido, moldado, cinzelado, soldado e puncionado
78 cm (comprimento); 6 x 4,7 x 0,60 cm (cruz); 1282,50 g

Terço oferecido no âmbito do I Congresso Internacional Católico do Doente

Por iniciativa do monge beneditino Frei Domingos de Sousa, os Doentes de Portugal ofereceram à Virgem de Fátima um precioso terço, colocado aos pés da veneranda Imagem na eucaristia de encerramento do I Congresso Internacional Católico do Doente, no dia 8 de julho de 1968, pelo patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Nele os doentes «completavam, com as suas dores o que faltava à Paixão de Cristo», complementando a oferta de um cálice de ouro, esmalte e gemas (MSF, inv. n.º 649-OUR.II.82), ofertado em março do mesmo ano.

O terço constitui-se por feira de contas esféricas de ouro, engranadas em cadeia de igual matéria, mostrando as contas do pai-nosso e salve-rainha de maiores dimensões. No passador relevado, o anverso surge habitado pela imagem da Virgem Maria, de mãos postas em oração, de veste e manto de sóbria feição, ornada por auréola circular raiada. De pé, sobre uma nuvem, a Virgem enquadra-se por estilizados ramos, numa simbólica alusão à azinheira das Aparições. No reverso, a sobreposição de duas chaves, de alongado palhetão, remete para um dos mais célebres símbolos pontifícios. O terço remata-se por cruz latina com a imagem relevada de Cristo crucificado, de autoria assinalada pelas iniciais “M. N.”. Envergando cendal, o corpo do Crucificado revela detalhes anatómicos de figuração sumária e talhe facetado. A cabeça, coroada de espinhos, inclinada sobre o seu lado direito, mostra um corpo abandonado à vontade do Pai, cujo espírito havia entregue. No verso da cruz, a inscrição gravada sobre a superfície lisa pereniza o contexto da oferta.

Museu do Santuário de Fátima

FÁTIMA AO PORMENOR

A magna carta de Fátima: há 90 anos, a aprovação solene das Aparições da Cova da Iria

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

Com a data de 13 de outubro de 1930 D. José Alves Correia da Silva declara dignas de crédito as visões das três crianças de Fátima, através de uma carta pastoral que chega aos fiéis publicada em diferentes órgãos de comunicação. Depois de um longo processo de averiguações que inicia em 1922 com a nomeação de diferentes peritos, o bispo de Leiria entende:

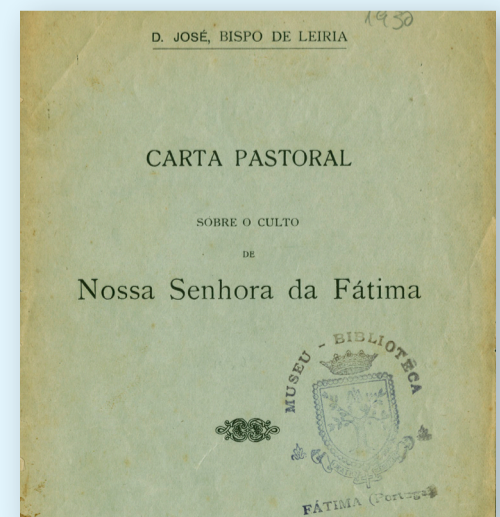
«1.º declarar como dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria, freguesia de Fátima, desta Diocese, nos dias 13 de maio a outubro de 1917;

2.º permitir oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima».

No introito da carta, o bispo exalta a Providência Divina que não abandona a história humana e introduz a temática da presença

de Maria na economia da história da Salvação, sublinhando a sua maternidade a partir da passagem do Calvário, antes de se referir a duas das marifanias que antecederam Fátima: La Salette e Lourdes. Entrecruzando conteúdos firmados no Antigo e no Novo Testamento, devidamente citados em pé de página, o bispo disserta sobre as visões, profecias e outras manifestações sobrenaturais, analisadas pela Igreja com os cuidados que estas matérias exigem.

A última parte, antes de chegar à proclamação da sentença sobre Fátima, é destinada a descrever, com considerável detenção, os fenómenos da Cova da Iria e, bem assim, o processo de averiguações que instaurou. Não termina o documento sem recomendações de ordem espiritual, fazendo-as derivar da Mensagem de Fátima que nessa época se encontrava em análise em ordem à percepção de um ‘corpus’ de conteúdos que nesta carta surge bastante maturado.





OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

Não cheguei a saber o nome daquela mulher. Mas sei-lhe o rosto, que me ficou gravado por dentro, como se gravam tesouros no coração. Encontrei-a em Namanga, na agitação do posto fronteiro entre a Tanzânia e o Quênia. Aquela velha *maasai* vendia missangas que lhe coloriam as mãos e o pescoço e ofereciam uma estranha beleza ao seu sorriso desdentado. Quando ela veio ter comigo, com a pressa de me vender uma pulseira, eu tive receio. O medo é tantas vezes o muro que nos esconde da presença do outro. Eu disse apressadamente que não, que

Na fronteira do medo

“É curioso que, quando temos medo, o caminho é fuga e a meta é ditada pelo ponto de partida.”

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da Teologia e da Filosofia

não queria comprar nada, e desejei vestir aquele não como uma máscara que me escondesse da sua presença. Evitei-lhe os olhos, com medo de lhe ver o coração. Mas ela era persistente. Na altura a sua persistência foi para mim um incómodo. Hoje sei que foi sacramento. Ela continuou a seguir-me com as missangas em riste e eu a fugir apressadamente sem direção, levantando o pó de um trilho sem rumo. É curioso que, quando temos medo, o caminho é fuga e a meta é ditada pelo ponto de partida. Foi a custo que, esgotado pela insistência daquela mulher ao longo de vários minutos, percebi que ela me queria dizer algo: «*Ni gift. Mimi ni mama. Wewe ni mtoto wangu*». O meu fraco *kiswahili* chegava para compre-

der as palavras com que ela me surpreendia: «É um presente. Eu sou mãe. Tu és meu filho».

Penso agora como se adequa que tudo isto se tenha passado numa fronteira. A fronteira é o lugar que habitamos todos a todo o tempo. Fronteira entre esta terra em que o outro é incómodo e medo e uma outra terra, para lá dos cálculos possíveis e seguros, que é lugar da surpresa da bênção e da gratuidade da ternura. Poucas coisas nos são tão difíceis como aceitar aquilo que não conquistamos oferecido por um outro que não conhecemos. Receio que a meritocracia seja ditadura que transforma o irmão em rival e que o medo trate de fazer do próximo um inimigo. Queremos a recompensa do que fizemos por-

que tememos ser abraçados na crueza do que somos sem a capa das nossas conquistas.

Somos como aqueles trabalhadores da primeira hora que não vêm justiça no facto de os colegas do meio-dia e da última hora receberem precisamente o mesmo salário que eles. A teoria do mérito impede-nos de ver que o salário que conta é a bênção de poder partilhar a vinha com todos os que vêm. Os que chegam no último minuto eram esperados desde a primeira hora. Não há medo, há esperança.

Por vezes surge-nos alguém, certamente do lado de lá da fronteira, a recordar-nos que o medo é mau conselheiro e que, se não temos a ousadia de receber de graça o que de graça nos é dado na surpresa de um en-

contro, a vida é pouco mais do que o rasto de pó de uma fuga apressada. Aquele meu descontro com a velha das missangas aconteceu a poucos dias do natal, esse lugar-fronteira, essa surpresa impensável que permeou a economia do nosso lado com o dom do lado de lá. Uma prenda me foi dada. Quando há espaço para olhar os olhos do outro, o rival, o inimigo faz-se mãe e filho e irmão. Acreditar na gratuidade é um risco porque é a afirmação clara de que o que nos define não é o que produzimos, mas o que recebemos e partilhamos.

Nas nossas fronteiras do medo, haja velhas *maasai* a oferecer-nos missangas com um sorriso desdentado. É certamente o sorriso de Deus.



OPINIÃO

Laurinda Alves

Fátima continua a ser um ponto de encontro de peregrinos e crentes, mas também um lugar de passagem para pessoas que não são cristãs nem confessam nenhuma religião em particular, e é fascinante assistir a este cruzamento de mundos, intenções e motivações no perímetro do recinto, capelas e basílicas.

Os pagadores de promessas sempre se puseram a caminho, vindos de todos os pontos do globo, e muitos deles arrastaram consigo filhos e pais, familiares e amigos que pouco ou nada se identificam com as certezas da fé. Vemos muitas vezes o contraste da expressão dolorosa dos que caminham de joelhos e dos que lhes fazem companhia, porque lhes querem dar a mão e os querem encher de forças e confiança, para os fazer sentir que não estão sozinhos no seu exercício de gratidão.

A pandemia e o grande confinamento impediram os ajun-

Vozes de Fátima

Laurinda Alves é jornalista, escritora, tradutora e professora universitária de Comunicação, Liderança, e Ética

tamentos e até as presenças individuais. Durante os primeiros meses não houve cerimónias coletivas e as velas ardiavam sozinhas. As poucas velas que era possível colocar no espaço que lhes está destinado, pois as restrições e os protocolos sanitários chegaram a todos os cantos e lugares do mundo.

“É importante perceber que todos nós, presentes ou ausentes no recinto, podemos ser uma extensão da voz de Fátima.”

Aos poucos os peregrinos, os crentes, os curiosos, os turistas e os outros foram voltando. E fizeram filas ordeiras, pacientes, silenciosas, para as entradas, para as velas, para as confissões e celebrações. Acima de tudo para se apresentarem a Nossa Senhora, na Capelinha das Aparições, para lhe mostra-

rem a sua gratidão e devoção.

As saudades de Fátima e de Nossa Senhora, eram tantas que muitos não se importaram de passar horas a fio de pé, numa longa fila, para conseguir a sua vez de entrar, ajoelhar e ficar no silêncio da sua oração, olhos nos olhos com a Mãe.

E as suas vozes voltaram a fa-

cauções e imposições. Algumas pessoas adiaram a sua ida a Fátima e muitos dos que lá vão em peregrinação sabem que podem passar outra vez alguns meses sem poderem voltar.

As vozes, em Fátima, ouvem-se agora de outras maneiras e é importante perceber que todos nós, presentes ou ausentes

como exemplo, rezando-lhe, pedindo-lhe proteção e conselho. Tentando imitá-la e não deixando que a sua mensagem fique mais esquecida por haver agora menos peregrinos e menos possibilidade de encontro olhos nos olhos, cara a cara.

Sempre que formos exemplo de bons filhos ou bons pais, bons amigos e bons profissionais, bons cuidadores e protetores, estaremos a amplificar a voz de uma Mãe que ampara e cuida, mas também a dar voz aos que nem sempre têm voz.

Cada um dos nossos pequenos gestos de amor, bondade, proteção e acolhimento sem julgamento revelam a grandeza de uma mensagem de união e amor que chegou a todo o mundo através de Nossa Senhora. E são realmente gestos muito pequenos que, no dia a dia, fazem uma grande diferença porque multiplicam a bondade e são seguro de vida e consolo para todos aqueles a quem falta o amor, a esperança, a confiança ou a fé.

Falo da fé em Deus e na vida, mas também da confiança nos outros e em nós mesmos.



zer-se ouvir no recinto. E a vida parecia estar a retomar alguma normalidade. As pessoas juntavam-se em grupos menores, mas já se podiam juntar. E alegravam-se, riam e choravam de emoção.

As velas já não ardiavam sozinhas.

Até que uma nova vaga recomçou e, com ela, novas pre-

no recinto, podemos ser uma extensão da voz de Fátima. Podemos amplificar com a nossa voz, no nosso dia a dia, nas nossas casas, em família ou num contexto laboral, a voz daquela sobre quem o Papa Francisco disse, quando cá chegou, “temos Mãe!”.

De que forma? Tomando-a

Cardeal D. António Marto convida a “desintoxicar os corações e o mundo”

Celebração de 13 de setembro reuniu maior multidão do ano na Cova da Iria.

Carmo Rodeia

O cardeal D. António Marto disse que a peregrinação de 13 de setembro, na Cova da Iria, foi um “momento forte e intenso”, sobretudo nos “tempos difíceis” da pandemia, e agradeceu à expressiva multidão que participou nas celebrações o “testemunho de fé que vence o medo”.

“Vimos invocar a cura corporal e espiritual para nós e para toda a humanidade”, referiu o bispo de Leiria-Fátima, no final da Missa celebrada no Recinto de Oração, perante milhares de peregrinos, sobretudo de origem portuguesa.

O responsável católico sublinhou que, “para curar as enfermidades do mundo, não basta a Medicina e as técnicas humanas, é necessário também a saúde espiritual”.

D. António Marto convidou, por isso, todos a “usarem a medicina da misericórdia, do perdão e da reconciliação”, que permite “desintoxicar os corações e o mundo da carga de agressividade, de rancor, de ressentimento e ódio, de desejos e sede de vingança, que terminam normalmente na violência, até na crueldade”.

“Só o perdão e a reconciliação são capazes de vencer estes males, estas enfermidades, para reconstruir os laços da fra-

ternidade e da paz”, assinalou ao sublinhar que “um mundo onde não há o perdão de Deus e o perdão recíproco, uns para com os outros, é um mundo perdido”.

O bispo de Leiria-Fátima dirigiu, como habitualmente, uma saudação aos mais novos, recordando em particular o início do ano letivo: “Comecem bem este ano escolar, com muita atenção e muita seriedade, cumprindo as normas sanitárias para que não haja contágio nas escolas”, pediu.

O cardeal estendeu a sua saudação aos doentes da Covid-19 e recordou todos os que morreram, deixando uma mensagem de solidariedade às suas famílias.

D. António Marto pediu ainda orações pela reconstrução do Líbano e pelos refugiados do campo de Moria, na ilha grega de Lesbos: “Que a Europa seja generosa em abrir-lhes as portas e em recebê-los”, apelou.

O bispo de Leiria-Fátima agradeceu, finalmente, ao presidente da peregrinação, D. Manuel Pelino, bispo emérito de Santarém, que na homilia da Missa a que presidiu falou, sobretudo, do perdão e da reconciliação como valores fundamentais da fé cristã.



Em Fátima bispos recordam efeitos da Covid-19: “A pandemia veio pôr a nu a nossa fragilidade e as falsas seguranças em que assentamos as nossas vidas”

O bispo emérito de Santarém presidiu às celebrações dos dias 12 e 13 de setembro em Fátima. Nas duas alocuções que proferiu - na noite do dia 12 e na Missa do dia 13 -, falou da fragilidade humana e da necessidade de Deus: “Precisamos de mudar, de nos converter da indiferença à solidariedade, da autossuficiência à humildade e ao serviço fraterno”, afirmou na alocução feita aos peregrinos na Vigília de Oração, na noite do dia 12. “Na verdade, julgávamo-nos donos do mundo, autossuficientes, capazes de tudo e, afinal, a pandemia veio pôr a nu a nossa fragilidade e as falsas seguranças em que assentamos as nossas vidas” afirmou D. Manuel Pelino.

Na homilia lembrou a oração do Papa a invocar a ajuda divina para “vencer o terrível flagelo do coronavírus”, perante o Cristo de São Marcelo e o ícone mariano conhecido por

Salus Populi Romani, isto é “Ícone de Nossa Senhora da Saúde, ou da Salvação, ou seja, da saúde global, do corpo e da alma”: “É a salvação que Jesus comunicou no seu tempo e nos concede hoje, por intercessão de sua Mãe santíssima, a salvação da pessoa na sua vida, no seu mundo e com o seu mundo e na eternidade”, realçou D. Manuel Pelino.

Para o presidente da celebração, está em causa a “saúde global para a humanidade ferida” e também uma “cura espiritual, a mudança de atitude perante a vida, perante a natureza e perante os outros”.

No dia 13, na homilia da Missa Internacional, D. Manuel Pelino voltou ao tema, sublinhando que “o perdão tem de estar sempre presente porque as ofensas, as palavras e atitudes que magoam, as vaidades e invejas que divi-

dem, o azedume das más disposições estão enraizados no coração humano”.

“O perdão alicerça a convivência fraterna na comunidade e aproxima-nos de Deus, levando-nos a amar como Ele nos ama. Orienta-nos, assim, para uma existência reconciliada e faz resplandecer mais claramente, na nossa vida e na da Igreja, a misericórdia e a graça de Deus”, sustentou o prelado. O programa evocativo da quinta aparição de Nossa Senhora, em 1917, integrou, pela primeira vez, os peregrinos surdos que fizeram a sua sexta peregrinação nacional. Esta foi a peregrinação do ano de 2020 mais participada por peregrinos na Cova da Iria, e o Santuário viu-se forçado a encerrar as entradas a meio da celebração. Foram ainda deixados apelos constantes para o cumprimento das regras de distanciamento social à multidão de peregrinos que se dispersou pelo recinto.



PEREGRINAÇÃO
INTERNACIONAL
ANIVERSÁRIA
DE SETEMBRO

Irmã Teresa de Castro

Para sempre no coração dos jovens do MMF



A Ir.ª Teresa de Castro, aci (1922-2012), é uma figura incontornável, tal como Fr. Carlos Furtado, op (1961-2012), da vida do Movimento da Mensagem de Fátima, no seu Sector Juvenil, pela dinâmica que implementaram e construíram. Alguns dos elementos que estão nos secretariados diocesanos passaram pelos encontros com estas duas figuras da espiritualidade mariana. “Não exigir aos jovens é atraí-los”, dizia a Ir.ª Teresa na sua Pastoral Juvenil dentro do Movimento.

Frederico Seródio

Muitos jovens participaram nos encontros e seguem alguns dos testemunhos, como em 2017, Pedro Leite escrevia: “uma grande amiga nossa que ajudou a formar o caráter e a espiritualidade de muitos que tiveram o privilégio de com ela conviver. A confiar e a contar com Deus em quaisquer circunstâncias, ainda que não percebêssemos. Foi guia no nosso caminho de felicidade e creio que ainda é... Obrigado Ir.ª Teresa!”. Já Esmeralda Pinto escreveu que a Ir.ª Teresa “deixou marcas indelévels nas nossas vidas”. É comum todos escreverem este tipo de frase como Pedro Sérgio escreveu: “muitas saudades e bons momentos que passei com a Irmã Teresa”. Pedro Madeira, hoje presidente do Movimento no Secretariado de Coimbra, escreveu: “na divulgação da Mensagem de Fátima, no

amor aos jovens, no seu Sim a Deus por Maria e na Fidelidade à Igreja, a Irmã Teresa de Castro é um exemplo para todos os que com ela partilharam momentos de Fé na Cova da Iria”.

“Foi minha professora, querida amiga a quem muito devo... e foi quem me mostrou o caminho...”, escreveu Maria da Conceição. Contudo, continua sempre presente, como refere Madalena Abreu: “a Ir.ª Teresa sempre tão presente! Tanto, tanto a agradecer...”, porque “fez a diferença nas nossas vidas” (Fátima Caloba), tal como Ana Pinho testemunhou: “Para quem não sabe quem era a Irmã Teresa digo-vos que foi a pessoa que arranhou para nós um cantinho no Santuário, foi quem iniciou as Descobertas e Esquemas. Foi quem transformou um motoqueiro em frade: serviu de instrumento de

chamamento ao Padre Carlos Furtado. Dizia o Frei Carlos que ela o chateava tanto com “Nossa Senhora gosta muito de ti, Carlos”, que ele, quando a via, passava para o outro lado da estrada. Dona de uma personalidade bem formada, muito inteligente e perspicaz a Irmã Teresa em muito me ajudou a crescer na fé... Curioso o facto de ela falecer no mesmo ano que o nosso querido Frei Carlos... Acho que Jesus e Nossa Senhora estão a reunir as tropas lá em cima e acreditam em nós para segurarmos as pontas cá em baixo.

Podemos resumir a vida da Ir.ª Teresa nas palavras de Frei Carlos, as quais também refletiam a vida do próprio Frei Carlos: “... ao ritmo da palavra de Deus e ao ritmo do Mundo para que possa escrever a minha vida com amor”.

Grãos moídos, bagos pisados

Pe. Dário Pedrosa

Se os grãos não forem moídos não há farinha, nem pão, nem Eucaristia. Se os bagos não forem pisados não há vinho, nem pipas cheias, nem bebida, nem Eucaristia. Moer os grãos ou pisar os bagos não é uma crueldade, uma desfaçatez, um descaramento, um masoquismo. É uma necessidade amorosa, sublime, do pão e do vinho, para que haja alimento e bebida, para que haja a santa Eucaristia. “Tomai e comei é o meu Corpo”, “Tomai e bebei é o meu Sangue”, disse Jesus na última Ceia, e quer que o digamos em sua memória. Só assim o Pão, pela ação do Espírito, se converte em Corpo e o vinho, pelo mesmo Espírito, se converte em Sangue. Grãos moídos para fazer Corpo de Cristo, bagos pisados para fazer Sangue de Cristo. É verdade que a ação de moer os grãos e pisar os bagos é algo que impõe destruição, renúncia do que são, grãos e bagos, para de-

pois serem Corpo e Sangue para a vida do mundo. “Este é o meu Corpo entregue por vós”, “Este é meu Sangue derramado por vós”. E as palavras “entregue” e “derramado” implicam dom total, oferta, holocausto. Jesus dá-Se todo, a sua vida, o seu corpo, a sua alma, o seu sangue, o seu amor, a sua divindade para que o mundo tenha vida. Temos de aprender com Ele e dar-mo-nos todos.

Batizados: sacerdotes com Cristo

Ora, cada cristão pelo sacramento do batismo é sacerdote com Cristo. E os que são ordenados sacerdotes participam, pela ordenação, do sacerdócio ministerial. Mas todos têm o dom do sacerdócio comum dos fiéis. Com Jesus e em Jesus, participando do seu sacerdócio, devem com Ele e

n’Ele ser oferta viva, dom total para a vida do mundo: dar tudo o que são e o que têm; oferecer a sua vida, o seu trabalho, o seu sofrimento, as suas orações, a sua vida toda, para que, unidos à oferta redentora de Jesus, sejam corpo entregue e sangue derramado, como Jesus. Em cada Eucaristia, as palavras pronunciadas por Jesus na última Ceia e repetidas, em nome d’Ele, pelos sacerdotes devem ser assumidas por todos, pelo menos os que com fé participam na Eucaristia: o nosso corpo entregue, ou seja, a nossa vida, o nosso serviço, o nosso cansaço, as nossas dores, o nosso amor, oferecido com Cristo para ser colaboração da redenção, o nosso sangue derramado, ou seja, a oferta total da nossa vitalidade, do nosso ser, corpo e alma, memória e vontade, do nosso amor, com Ele e n’Ele, como hóstias vivas com Jesus. Pelo batismo já somos

pertença exclusiva de Deus, mas agora na “consagração eucarística de Jesus”, unidos a Ele, queremos consagrar-nos totalmente ao serviço da Igreja e dos irmãos. Queremos ser pão oferecido, sangue derramado. Nós, cada um de nós, com amor, tem de tomar consciência desta nossa oferta permanente. Estamos em contínuo “lausperene”.

Eucaristia contínua

Se assim conseguirmos fazer, oferecer, consagrarmos-nos com Jesus para sermos corpo doado, sangue derramado, vida oferecida, estamos a fazer do dia inteiro uma eucaristia contínua, somos vítimas com Jesus, sacerdotes com Ele, para que o mundo tenha vida e vida em abundância, para que a nossa vida seja evangelizadora, seja fértil para a paz, a liberdade, a comunhão, fecunda para as vocações, para a harmo-

nia das famílias, para a unidade da Igreja, etc. Do nosso dia nada se perde, desde as nossas respirações, aos passos que damos, ao movimento do nosso sangue, às palavras que dizemos, aos sentimentos que temos, aos atos de amor, até às atitudes de serviço e de dom; tudo mergulhado em Jesus, consagrado com Ele, para glória do Pai: alegrias e tristezas, gestos de generosidade ou mesmo de infidelidade. A nossa frágil natureza humana, unida a Ele, oferecida na consagração, consagrada ao Pai para bem do mundo, é algo possível a quem tem fé, a quem quer amar e servir mais e melhor. Jesus assume-nos e com Ele oferece-nos; somos corpo entregue, sangue derramado que, com fé e confiança, apesar da nossa fraqueza, queremos oferecer. Ficamos eucaristia viva, pertencemos ao Seu sacrifício, unimo-nos à Vítima que renova a sua entrega.

A Eucaristia e a Criança

Padre Manuel Antunes

O Padre Doutor Carlos Cabecinhas, no recente livro “No Coração da Igreja”, no capítulo sobre a iniciação Cristã, diz: “A Eucaristia é o vértice e o ponto culminante de toda a iniciação Cristã”.

O Movimento da Mensagem de Fátima, desde há anos, tem tido a preocupação de colaborar com a catequese nesta missão apostólica. Jesus e a criança entendem-se muito bem! É necessária uma pedagogia humana e espiritual para levar a criança a conviver com Jesus. Uma das primeiras pessoas que iniciou este trabalho a nível nacional foi a Irmã Isolinda, da Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus. Depois, a Irmã Marília, do Sagrado Coração de Maria, presentemente muito doente, e, a seguir, a Maria Emília Carreira, da diocese de Leiria-Fátima, que o Senhor já chamou para Si. As três fizeram um bom trabalho.

No princípio, houve alguns catequistas que julgavam que era mais uma atividade. Para desfazer este receio, começou-se a promover encontros de esclarecimento e formação, com bons resultados. Dividiu-se Portugal em três zonas: Norte, Centro e Sul. Em cada uma destas zonas há um responsável.

S. Francisco Marto é modelo por excelência.

– Um dia, numa das adorações que se faziam aqui no Santuário, na antiga capela do Lausperene, chamada a Capela do Sol, na Colunata, um rapaz de 12 anos, dizia aos outros: “Hoje vamos ter uma grande seca!”. Entretanto, a responsável preparou-os para entrarem em silêncio, fez a Exposição do Santíssimo e iniciou a Adoração. A certa altura, o que tinha dito que iam ter uma grande seca disse para os que estavam ao lado: Isto não é uma seca! Isto é muito sério!

– Há 18 anos convidaram-me para acompanhar a Imagem Peregrina de Nossa Senhora a uma paróquia do Porto. Estive lá uma semana. Numa das adorações com cerca de 200 crianças, a certa altura, uma delas diz em voz alta: “Ó Jesus, dá cumprimentos à minha avó; peço-Te que os meus pais se deem sempre bem e não se separem um do outro”. Esta oração sensibilizou profundamente toda a assembleia.

Como diz o Salmo 8, da boca das crianças sai um louvor perfeito.

MILAGRE DO SOL - “Lá no sol ninguém foi mexer”

Manuel Arouca | Responsável pelos Meios de Comunicação do MMF



O ‘Milagre do Sol’ foi presenciado pela primeira grande multidão de Fátima.

No âmbito de testemunhos recolhidos para a realização dum documentário (1999-2000), pegando em algumas dessas personagens, próximas da família dos pastorinhos, recreámos em diálogo, de forma coloquial, humana, o milagre que Nossa Senhora prometera aos pastorinhos, que foi testemunhado por milhares e milhares de peregrinos e confirmado pela imprensa (ateia) da época, como foi o caso do jornal O Século.

Uma funcionária do Santuário dizia-me, com um sorriso nos olhos, que o namoro ou pedido de casamento dos avós se deu após terem presenciado o milagre do sol a 13 de outubro de 1917.

O anúncio do milagre (ninguém sabia que milagre era): – segundo os depoimentos de João Marto, irmão de Jacinta e de Francisco, de João, sobrinho de Francisco e de Jacinta, e de Maria de Belém, religiosa e sobrinha de Lúcia:

MARIA DE BELÉM – Foi o que me contaram, não está ninguém doente para haver um milagre... só uma pessoa que estivesse doente é que havia o milagre de se curar.

JOÃO MARTO – Havia um milagre para que todos acreditassem... que milagre era não sei...

JOÃO SOBRINHO – A Lúcia e os pastorinhos diziam, “Nossa Se-

nhora em outubro vai fazer um milagre, para toda gente acreditar”.

MARIA DE BELÉM – Ela só dizia que Nossa Senhora ia fazer um milagre para que acreditassem que Ela aparecia... O que era ninguém sabia, nem os pastorinhos.

Preparação do milagre do sol

– Francisco Ferreira Rosa era ainda uma criança, cerca de 12 anos, mas presenciou o milagre do sol e nunca o esqueceu.

FRANCISCO FERREIRA ROSA – Quem foi mais eu foi o meu irmão mais velho. Quem me lá levou à Cova do Iria.

– João Marto não assistiu ao milagre. Ficou com medo em casa.

JOÃO MARTO – [Depois de fazer o gesto de cagufa]... Porque ameaçavam a gente ali em casa... “Se houver um milagre a gente acredita, se não houver, trouxeram-nos aqui enganados... cheios de medo, principalmente eu que era criança ainda”.

– De forma muito expressiva deu o seu depoimento Laura, filha de João Marto.

LAURA – O meu pai teve medo, não foi à Cova de Iria, eles não tiveram medo...O meu avô foi logo... A minha avó foi ter com a mãe da Lúcia, sabes ó Maria Rosa “Ai não podem-nos matar. Sei lá o que nos vai acontecer...”. “Olha sabes, levamos uma saia”... Naquele tempo era uma saia, punha-se

pela cabeça, ninguém via nada... “Levamos uma saia pela cabeça, a gente passa e ninguém conhece a gente. Levamos uma lanterna para acender e uma vela benta, se for o demónio, não quer nada com a gente, porque ele não quer nada com tudo o que é bento. Se não for, não nos acontece mal nenhum. A gente vai acachada, ninguém conhece a gente”.

MARIA DOS ANJOS – A minha avó dizia que não ia, tinha medo que lhe pudessem matar os filhos... Depois veio a mãe da Jacinta e do Francisco que lhe disse, “Ó comadre, vamos!”

MARIA DE BELÉM – Andavam todos apreensivos, com medo.

Milagre do Sol:

a) Local:

FRANCISCO FERREIRA ROSA – Ficámos numa pedreira onde havia assim umas pedras.

b) Durante:

FRANCISCO FERREIRA ROSA – As flores a cair, brancas, o pessoal a aparar na mão, a ver se agarravam... a aparar com os chapéus de chuva e olhavam para o chapéu e não viam nada...Veio o astro de várias cores, iguais ao do arco iris... o sol, pousou assim nas abas de uma oliveira... teve ali dois minutos, mais ou menos... o sol levantou-se onde estava e ficou a uma certa altura... o sol

quando mudou, dentro de uma nuvem muito cristalina, mas cor de rosa, a nuvem... dentro da nuvem vários... um espelho, mas era mais cristalino que um espelho... a nuvenzinha onde ele ia parou, a nuvem a desandar... Muita gente teve medo, éramos crianças, não tivemos medo... Ai Jesus que isto acaba!... As pessoas calaram-se e começaram a rezar.

JOÃO SOBRINHO – O sol deixava raios de luz, mas você viu mesmo o sol a sandar? Vi, sim senhor... Mas não foi o que me meteu mais impressão, começaram a cair coisas do céu, pétalas, flores... Isso aí é que me fez tremer a madeira.

MARIA DOS ANJOS (sobrinha de Lúcia, ainda viva) – Como a minha mãe me contava, toda a gente estava molhada, fecharam os guardas chuvas... A terra enxuta... toda a gente se ajoelhou. O sol parecia mesmo que ia cair na terra.

c) Logo a seguir:

MARIA DE BELÉM – A mãe da Lúcia a chorar à porta de casa e disse assim: “Ó filhas, agora ninguém pode negar, lá no sol ninguém foi mexer”

JOÃO SOBRINHO – A minha mãe também viu, era solteira, dizia que tinha visto o sol a sandar, era trovoadas, uma bâtega de água, de repente ficou tudo enxuto, logo não era normal.

breves



A VI Peregrinação Nacional da comunidade surda coincidiu com a Peregrinação Internacional Aniversária de setembro

pela primeira vez e, por isso, os peregrinos surdos participaram, na noite do dia 12, na oração do terceiro mistério do Rosário, na Capelinha das Aparições e também na Procissão das Velas. “Esta peregrinação é uma forma de alargarmos a participação da comunidade surda. Se é certo que terão um momento particular para eles, têm a possibilidade de se integrarem na celebração internacional, o que é extraordinário. É muito consolador para nós ver numa assembleia os surdos a participarem ativamente, respondendo e cantando e, assim, participando plenamente na celebração da fé” refere o padre Francisco Pereira, capelão do Santuário e membro da equipa da Pastoral da Mensagem de Fátima. A Peregrinação Nacional da comunidade surda é uma iniciativa da equipa de intérpretes de Língua Gestual Portuguesa que colabora com o santuário de Fátima desde 2013, altura em que aos domingos começou a ser celebrada uma Missa semanal com interpretação em Língua Gestual Portuguesa.



FOTOLEGENDA

Recinto de Oração | 13 de setembro de 2020

O regresso das celebrações no Recinto de Oração trouxe a necessidade do cumprimento de regras de segurança, com vista à contenção da pandemia da COVID-19. O distanciamento social é uma das orientações que mais insistentemente são dirigidas à assembleia de peregrinos que ali se encontram, para garantir uma ocupação segura deste espaço.



“Fátima: histórias de santidade” foi o título da conferência proferida por Marco Daniel Duarte, no IV Encontro na Basílica deste ano pastoral,

em que o Santuário está a “Dar Graças por viver em Deus”.

No encontro, que decorreu a 6 de setembro, o diretor do Departamento de Estudos e do Museu do Santuário de Fátima começou por afirmar ter “plena convicção de que quem vier a viver nos próximos séculos poderá assistir a um canto das Ladainhas de Todos os Santos mais enriquecido a partir da experiência que Fátima proporciona”.

Fátima, inúmeras vezes apelidada de “Escola de Santidade”, é uma “assembleia reunida, onde é possível ver os rostos que, deste 1917, aqui vieram, e que diante do altar cantaram o cântico novo”.

“Fátima tanto marcou a história de Deus e da humanidade, e muito se deve à história destes santos e santas, e não são santos porque passaram por Fátima, mas porque se deixaram transfigurar por Deus, sabemos porem, nesse processo faz parte a sua experiência em Fátima”, considerou.

Após este momento formativo, Pedro Gomes, protagonizou um recital de órgão.



Uma conferência sobre os desafios à Conservação da Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima foi proferida por Ana Rita Santos,

responsável pelo Serviço de Conservação e Restauro do Património do Santuário de Fátima, no passado dia 2 de setembro, no âmbito da terceira visita temática à exposição temporária “Vestida de Branco”, que assinala o centenário da escultura que se venera na Capelinha das Aparições.

Ana Rita Santos começou por apresentar as características da escultura e percorrendo cronologicamente as várias intervenções de que foi alvo, muitas delas coincidindo com as viagens que a fizeram sair da Capelinha das Aparições - 12 no total, entre Portugal, Espanha e Roma - apresentou as várias intervenções que a Imagem sofreu. A primeira ocorreu logo no momento da chegada, e todas as que se lhe sucederam foram feitas e executadas por mestres santeiros, pelo menos até ao ano 2000.

A exposição Vestida de Branco já registou a presença de 68.388 visitantes, 13 mil dos quais no último mês. Para o diretor do Museu e comissário da exposição, Marco Daniel Duarte, este número “em tempos difíceis informa bem sobre o interesse que esta escultura e o tem a ela associado tem para os peregrinos”.

FÁTIMA e os PAPAS



Pio XII e Fátima: “Eu vi o milagre”

Está documentado que o Papa Pio XII foi agraciado em vida com duas manifestações sobrenaturais, uma delas a visão do milagre do sol, na véspera do dia 1 de novembro de 1950, dia da definição do dogma da Assunção. O Santo Padre entendeu esse sinal como a “confirmação celeste” do que estava prestes a anunciar.

Carmo Rodeia

O papa Pio XII (1939-1958) escreveu que em 1950, enquanto passava pelos jardins do Vaticano, um dia antes de proclamar o dogma mariano da Assunção, assistiu ao “milagre do sol que dança”, o mesmo fenómeno que a Igreja Católica diz ter acontecido após as aparições de Nossa Senhora de Fátima, a 13 de outubro de 1917.

A descrição desta visão, que só havia sido tornada pública através de uma referência do cardeal Tedeschini, legado pontifício às celebrações de 13 de outubro de 1951 em Fátima, foi encontrada num manuscrito inédito do pontífice, revelado em 2017 num trabalho de investigação do jornalista e escritor católico italiano Andrea Torielli.

Segundo o jornalista, Pio XII escreveu numa folha que “foi surpreendido por um fenómeno nunca visto até então por mim. O sol, que ainda estava bastante alto, parecia como um globo opaco amarelado, circundado por um círculo luminoso”. O sol, continuou o Santo Padre, “movia-se levemente na extremidade, tanto girando como se deslocando da esquerda para a direita e vice-versa. Mas dentro do globo via-se, com toda a clareza e sem interrupção, movimentos muito fortes”. O episódio teve lugar a 31 de outubro e repetiu-se a 8 de novembro “e depois nunca mais”. O próprio Papa escreveu nesse mesmo manuscrito que tentou “olhar o sol para ver se aparecia o mesmo fenómeno, mas em vão; não pude olhá-lo nem sequer um instante, as vistas ficavam imediatamente ofuscadas”.

Esta nota, que esteve em exibição pública numa exposição do Vaticano, dedicada ao Papa Pacelli no quinquagésimo aniversário da sua morte, explicitava, nos dias seguintes, a alguns amigos íntimos e a um pequeno grupo de cardeais, entre os quais estava o cardeal Tedeschini, que no ano seguinte iria a Fátima como legado pontifício para o encerramento do ano jubilar, a 13 de outubro de 1951, este fenómeno foi como que uma “confirmação celeste” do que



ia fazer dois dias depois- a proclamação do dogma da assunção da Virgem- para cuja decisão já tinha contribuído um significativo número de respostas favoráveis do episcopado. Da consulta feita pelo Pontífice romano a 1181 prelados, só seis tinham mostrado reservas relativamente a este dogma.

“Pio XII estava muito convencido da realidade deste fenómeno extraordinário”, revelou a Irmã Pascalina Lehnert.

Na ida a Fátima a 13 de outubro de 1951 e na homilia proferida, a propósito da “confissão” do Papa, o cardeal Tedeschini referiu “que tudo isto é grandioso, tudo digno da Rainha dos Céus, tudo maravilha jamais vista. Todavia, e só a título pessoal dir-vos-ei que outra pessoa viu este milagre; viu-o fora

de Fátima, viu-o a anos de distância; viu-o em Roma. E foi o Papa, o próprio Pontífice, Pio XII”, revelou o cardeal. E prosseguiu: “Constituiu um prémio, esta graça? Foi um testemunho celeste a autenticar a conexão das maravilhas de Fátima com o centro, com o Chefe da verdade e do magistério católico? As três coisas ao mesmo tempo. (...) Não é isto Fátima trasladada para o Vaticano? Não é isto o Vaticano transformado em Fátima? Mas o binómio Fátima- Vaticano evidenciou-se como nunca durante o Santo Jubileu”, concluiu. O assunto foi, de resto, amplamente refletido nas edições posteriores da Voz da Fátima, jornal oficial do Santuário.

O chamado Milagre do Sol aconteceu em Fátima a 13 de outubro de 1917, no final das aparições de

Nossa Senhora aos três pastores como conta na sua crónica Avelino de Almeida, jornalista do jornal O Século.

Cerca de 70 mil pessoas dizem ter visto, na Cova da Iria a 13 de outubro de 1917, um comportamento anormal do Sol que desafiava as leis da física.

Depois de uma intensa chuva, as nuvens escuras abriram-se e deixaram ver o sol, que, segundo os testemunhos, reluzia como um disco de prata. Então, os seus raios tomaram diferentes cores e o sol pareceu cair sobre as milhares de pessoas, que se tinham colocado de joelhos.

Os testemunhos mais pormenorizados ficaram registados na Documentação Crítica de Fátima, uma seleção de documentos que datam de entre 1917 e 1930, e de entre eles sobressai o de José Maria de Almeida Garrett.

A maior parte dos testemunhos são consistentes em três aspetos: que o Sol parecia girar em torno do seu próprio eixo; que a estrela parecia mover-se “como que dentro de uma caixa”; e que mudava de cores, alterando a percepção das mesmas na superfície terrestre também.

Isso mesmo é espelhado no depoimento de José Almeida Garrett: “Este fenómeno com duas breves interrupções em que o sol bravo arremessou os seus raios mais coruscantes e refulgentes, e que obrigaram a desviar o olhar, devia ter durado cerca de dez minutos. Este disco nacarado tinha a vertigem do movimento. Não era a cintilação de um astro em plena vida. Girava sobre si mesmo numa velocidade arrebatada. De repente ouve-se um clamor como que um grito de angústia de todo aquele povo. O sol, conservando a celeridade da sua rotação, destaca-se do firmamento e sanguíneo avança sobre a terra ameaçando esmagar-nos com o peso da sua ígnea e ingente mó. São segundos de impressão terrífica. Durante o acidente solar, que detalhadamente tenho vindo a descrever, houve na atmosfera coloridos cambiantes. Não queima, não cega. Parece um eclipse”.

OPINIÃO

O mundo Em Fátima

Pe. José Nuno Silva
A paz e a liberdade religiosa



“A Santa Sé nada mais tinha – nem tem – em mente senão realizar as finalidades espirituais e pastorais próprias da Igreja, isto é, sustentar e promover o anúncio do Evangelho, alcançar e conservar a unidade plena e visível da Comunidade católica na China”. É com estas palavras que o Papa Francisco, em carta dirigida há dois anos aos católicos chineses e à Igreja universal, define as finalidades das negociações com as autoridades chinesas, encetadas já ao tempo do Papa João Paulo II e continuadas por Bento XVI, que conduziram à entrada em vigor em outubro de 2018 do Acordo Provisório que regulariza o processo de nomeação dos bispos naquele grande país, dando ao Papa, como garante visível da unidade da Igreja universal, a última palavra na nomeação de cada bispo. Neste outubro de 2020, o Acordo será prorrogado.

Na carta citada, o Papa reconhece a perseguição que marca a história do catolicismo na China, e agradece aos católicos chineses o dom da sua “fidelidade, da constância na provação, da arraigada confiança na Providência de Deus, mesmo quando certos acontecimentos se revelaram particularmente adversos e difíceis”. E assume que o valor e significado deste sofrimento pertence “ao tesouro espiritual da Igreja na China e de todo o Povo de Deus peregrino na terra”.

Por tudo isto, neste momento delicado da renovação do Acordo, sujeito a tentativas de instrumentalização política e propaganda por vários setores ideológicos e até Estados, esta coluna da Voz da Fátima convida todos a associarem-se, pela procura de conhecer a realidade e pela oração, a este passo decisivo do caminho da Igreja no Oriente.

O Pe. José Nuno Silva é capelão do Santuário de Fátima

Fátima e a imprensa: um caminho paralelo

As notícias são fontes de informação para quem as lê, ouve e vê, mas são também importantes fontes documentais e de informação para a História. Fátima e os seus acontecimentos foram, desde a primeira hora, objeto de notícia. Muita da informação que hoje se sabe sobre as aparições de Fátima foi dada a conhecer através das páginas dos jornais.

Cátia Filipe

As notícias são fontes de informação para quem as lê, ouve e vê, mas são também importantes fontes documentais e de informação para a História. Fátima e os seus acontecimentos foram, desde a primeira hora, objeto de notícia. Muita da informação que hoje se sabe sobre as aparições de Fátima foi dada a conhecer através das páginas dos jornais. No início do Século XX, Portugal era uma nação a viver a Primeira República, com uma crise no catolicismo, onde a agricultura e a pastorícia eram as principais atividades.

Apesar de todas as especulações, foram muitos os jornais que noticiaram este acontecimento, com enviados especiais, fotografias e testemunhos; tudo foi válido para que as notícias contivessem o máximo de informação. *O Século*, *O Mundo*, *o Diário de Notícias*, *O Ouriense*, *o Portugal*, *O Primeiro de Janeiro*, *o Semanário Alcobacense* foram alguns dos jornais que tornaram públicas as primeiras notícias sobre as aparições de Fátima. Os acontecimentos ocorridos na Cova da Iria atingiram, desde logo, uma grande dimensão, muito pelas notícias dos diários, tanto que se estima que, nas últimas aparições, já estariam entre 50 a 70 mil pessoas como noticiaram os enviados especiais a Fátima.

A primeira notícia sobre Fátima surgiu num diário do Partido Republicano Português *O Século*, com data de 23 de julho de 1917. Precisamente 10 dias depois da terceira aparição, um enviado especial deu a conhecer as aparições. Inicialmente o jornalista dirige-se à Meia Via e consegue falar com pessoas que regressavam de Fátima e que prestam depoimentos, mas informações muito vagas. O repórter relata que não havia carros para alugar tal era o fluxo de gente que teria rumado à Cova da Iria para “presenciar o tal milagre”. Este artigo mostra que o mediatismo em torno das aparições já era notório. No final há uma nota que diz que as autoridades já tomaram conta do caso.

A 25 de julho de 1917, o jornal *Liberdade*, diário católico do Porto, fez uma notícia cuja referência não é exata no que toca à localização das aparições, mas faz alusão aos “milhares de pessoas” que ali rumaram para presenciar o que estava a acontecer.

A 29 de julho de 1917, *O Ouriense*, o boletim do concelho de Vila Nova de Ourém, dirigido por um sacerdote, faz uma pergunta retórica onde compara Fátima a Lourdes. A notícia descreve as pessoas que rumaram à Cova da Iria, narrando desde o “hu-



milde pastorinho, rude lavrador, aos que fazem agradáveis passeios em velozes automóveis”. Há ainda uma referência que diz que a aparição descrita era a terceira. Neste texto jornalístico além de se falar dos muitos peregrinos presentes, fala-se também de ter sido necessário levar as crianças de carro, devido às muitas solicitações, e de que estas foram fotografadas no local para onde as levaram.

A 18 de agosto de 1917, o jornal *Liberdade* publica uma correspondência sobre os acontecimentos de 13 de agosto, onde há o relato da presença de 5 000 pessoas dos concelhos circundantes. Há o relato da comparência do administrador Artur de Oliveira Santos, que depois foi a casa dos Pastorinhos, para falar com os pais, com o pretexto de que o prior queria interrogar as crianças, levando-as para interrogatório.

A 18 de agosto de 1917, outro diário republicano, *O Mundo*, fala sobre Fátima, mas em tom de crítica, comparando até os três pastorinhos ao conde de Cagliostro, personagem célebre pelos embustes que praticou por toda a Europa.

Na edição de dia 19 de agosto de 1917, *O Mundo* reprova novamente as aparições e cita o boletim clerical do concelho de Vila Nova de Ourém, *O Ouriense*, no qual estes acontecimentos são louvados. O jornalista não cita fontes, mas alude à posição dos padres que aprovam a situação. O artigo faz ainda referência à satisfação dos presentes “só em verem a maneira como as crianças se apresentaram e falaram”.

A 22 de agosto, *O Mensageiro*, semanário católico da região de Leiria, publica uma carta, datada de 14 de agosto, na qual se faz uma descrição detalhada dos acontecimentos. Nesta carta há uma menção ao silêncio do povo, interrompido pelo trovão que despertou a atenção dos

presentes para o que estaria presentes a acontecer. Há neste documento uma exposição da ornamentação do local onde Nossa Senhora iria aparecer, cujo calor não destruía e alimentava a fê dos que ali estavam.

No dia 22 de setembro de 1917, o jornal *O Marinense*, semanário republicano e democrático, afirma que a 13 de setembro estiveram 20 mil pessoas na Cova da Iria.

A 13 de outubro de 1917, o *Diário de Notícias* publica uma notícia enviada pelo correspondente de Vila Nova de Ourém a dar conta das aparições; o jornalista não cita fontes, apenas que estiveram 20 mil pessoas de todas as classes sociais nas aparições de setembro.

No mesmo dia, também *O Século* fazia o ponto de situação do que se estava a passar em Fátima através do seu enviado especial, Avelino de Almeida. O jornalista não usa fontes, faz sim uma descrição do que testemunha. Avelino Almeida conta que havia milhares de pessoas oriundas de norte a sul do país. Que o processo é sempre o mesmo e faz lembrar Lourdes. O jornalista conta, ainda, que nem todas as pessoas têm a capacidade de ver Nossa Senhora, que aparece em cima de uma “carvalheira”. Avelino Almeida relata ainda como é que os peregrinos pernoitavam na serra a comer os “farnéis” e a rezar. É ainda relatada a reserva do clero local. A 13 de outubro, este jornal narra o movimento de peregrinos que a cada mês cresce; e já há, a par disso, quem imagine “vastos hotéis”, bem como lojas “atulhadas de mil e um objetos de piedade, comemorativos da Senhora de Fátima”.

Dois dias depois – 15 outubro de 1917 – Avelino de Almeida escreve uma das notícias com mais visibilidade. Na capa do jornal *O Século* é visível uma fotografia dos três pastorinhos de Fátima e um título chamativo: “COISAS ESPANTOSAS! COMO O SOL BAILOU AO MEIO DIA EM FÁTIMA”. A notícia é composta por muita descrição dos factos e alguns testemunhos de peregrinos. Nesta ocasião é importante destacar que Avelino de Almeida se deslocou a Ourém para falar com o administrador, mas sem sucesso, porque este não estava. O jornalista enumera o que vê, as conversas que tem com os peregrinos que por ali passam, as condições atmosféricas, os protagonistas da história, o que aconteceu. Avelino de Almeida conta também como Lúcia e Jacinta foram passando de colo em colo, com umas “grinaldas de rosas” a ornamentá-las.

Também o *Diário de Notícias* publicou, no dia 15 de outubro de 1917,

uma notícia sobre Fátima. Continua a haver inexistência de fontes. Há uma descrição intensiva, ao ponto de o repórter contabilizar os 240 carros, 135 as bicicletas e os 100 automóveis.

O diário vespertino do Partido Republicano Português, Portugal, na sua rubrica “Notas Soltas”, no dia 15 de outubro de 1917, redige uma crónica irónica sobre as aparições de Fátima.

O diário católico *A Ordem*, datado de 16 de outubro, publica um artigo sobre o fenómeno solar. O artigo inicia com a indicação de que os jornais de “grande informação” falam com frequência do caso. Após a descrição do que havia sucedido, o autor do artigo questiona se as crianças estarão a ser sinceras e

responde: “nenhuma razão temos para duvidar d’isso; antes a sua rusticidade nos é uma garantia”.

No dia 16 de outubro de 1917, o jornal *O Século* vai fazer uma comparação entre o número de pessoas que rumou a Fátima, 50 mil pessoas, para assistir ao milagre do sol, com os números da abstenção às eleições suplementares de Lisboa dois dias antes (14 de outubro).

A imprensa tem uma linguagem característica do social, detém uma historicidade e especificidades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe.



AGENDA

outubro

15 qui	S. TERESA DE JESUS – Memória obrigatória
17 sáb	UM DIA COM O FRANCISCO E A JACINTA
22 qui	S. JOÃO PAULO II, PAPA – Memória obrigatória

novembro

1 dom	TODOS OS SANTOS – Solenidade
6 sex	S. NUNO DE SANTA MARIA – Memória obrigatória
	MISSA VOTIVA DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA
7 sáb	PRIMEIRO SÁBADO ANIVERSÁRIO ORDENAÇÃO PRESBITERAL D. ANTÓNIO MARTO
6 sex	ENCONTROS NA BASÍLICA V 15h30 Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima